

Resumo expandido

O corpo não é algo dado *a priori*, ele é produto do tempo e do espaço no qual está inserido, sendo construído por uma variável de instituições e de discursos médicos, pedagógicos, filosóficos, religiosos, morais, jurídicos, entre outros. A sua produção está implicada em processos históricos, culturais e sociais significados através de práticas e atos. Para além de um dado natural e de sua materialidade, “[...] o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, 2018, p. 30). O corpo não é universal, mas sim provisório, mutável e suscetível às intervenções do seu meio, sendo ele subjetivado por todas as aspectos e marcas culturais, históricas e sociais que o atravessam.

A cultura, através do aprendizado, é fundamental na determinação de posturas corporais. As técnicas corporais são transmitidas através de uma tradição, então, por meio da educação corporal que a estrutura social é impressa nos indivíduos. Não existiriam “maneiras naturais” do corpo, mas sim maneiras adquiridas e transmitidas culturalmente. Os sujeitos são preparados para a vida social por meio da educação corporal. Esse aprendizado não cessa na infância, mantendo-se durante toda sua vida conforme as transformações culturais e sociais que se apresentam. Dentro de uma mesma comunidade, qualquer manifestação corporal de um sujeito é significante para seus membros e só fazem sentido em relação com o conjunto de símbolos do grupo (LE BRETON, 2011). Então, não há processos exclusivamente biológicos e não pode haver um modo natural de considerar o corpo que não implique, ao mesmo tempo, uma dimensão social.

Além dessas formas de socialização, nossas identidades são construídas também de nossas experiências com a diferença, ou seja, com *o outro*. A existência da identidade e da diferença se dá de forma relacional. A identidade e a diferença são marcadas por símbolos relativos de outras identidades e por sistemas classificatórios e de exclusão. Só me classifico como “eu” relativamente classificando “eles” como “outros” e vice-versa (WOODWARD, 2014). Desse modo, pertencemos a um grupo social que tem traços culturais próprios que nos diferenciam de outros grupos. Dentro dessa nossa comunidade, criamos um ambiente seguro onde afirmamos nossa condição cultural. Afirmação essa que precisa ser reforçada através de nossas atividades sociais, revestindo a vida coletiva de significados.

Assim como o corpo, gênero e sexo também são construções da sociedade. A partir da teoria da performatividade de Judith Butler (2003), há a desnaturalização das duas categorias, gênero e sexo. Para a filósofa, é por meio da reiteração das ações que o sujeito se consolida e o gênero se constitui. Então, o corpo que se adequa ao gênero, e o sexo também seria construto social, onde se atravessam os saberes e os discursos médicos, científicos e religiosos sobre o corpo. O que Butler diz é que tanto sexo, quanto gênero se fazem, os órgãos genitais não definem se uma pessoa é homem ou mulher, essa construção do sexo não é um fato biológico, mas social. No entanto, Butler (2017) também nos alerta para que não se caia no reduto do determinismo cultural. Para a filósofa, como mencionado, corpo, gênero e sexo não são determinados pelo biológico, mas não são, também, simples meios passivos onde a cultura se inscreve. Há culturas em que não é o órgão genital que define o sexo, mas em nossa sociedade, um processo através do qual cada pessoa se torna “generificada”, criaram-se diferenças entre homens e mulheres que são dadas como “naturais” e as fronteiras entre os gêneros são continuamente reafirmadas por movimentos conservadores. Aqui buscamos criticar essa perspectiva essencialista sobre o corpo, o gênero e a sexualidade, já que ela não dá conta de explicar as diferenças de comportamento humano.

Tomaremos o corpo e seus fenômenos como objetos de estudo explorando suas dimensões histórico-sócio-antropológicas. Discutiremos sobre o corpo como objeto da cultura e como agente na cultura, bem como a sua construção social e os processos de corporificação e generificação do mundo social.

Pretendemos também que o GT seja um espaço que possibilite a aproximação com as teorias feministas e com alguns dos fundamentos dos campos de estudos de gênero e sexualidade através de diferentes análises, problematizações e metodologias de investigação. Ansiamos percorrer autoras e autores e debates fundamentais para a constituição desse(s) campo(s), procurando situar discussões que têm estabelecido diálogos e intersecções nas Ciências Sociais, frisando sexo e gênero enquanto processo social de construção de sentido.

Assim, esperamos trabalhos que forneçam instrumentos para a abordagem de questões sobre o corpo sob perspectivas sócio-históricas-antropológicas e que desenvolvam a reflexão crítica sobre a relação entre natureza e cultura. Contextualizem e discutam diferentes abordagens teóricas e metodológicas que tomam por objeto corpo e cultura como: emoções, rituais, parentesco, posições sociais, poder, regulação, saúde,

sofrimento, morte, doença, práticas terapêuticas e de cura, deficiência, violências, identidade, marcas corporais, estética e raça.

Como também pesquisas que forneçam um panorama de debates afim de contextualizar alguns dos principais desenvolvimentos teóricos e críticos em termos de gênero e sexualidade. Discutiremos trabalhos que abordem aspectos sócio-históricos-antropológico e suas relações com a cidadania e os direitos humanos; concepções acerca do gênero e da diversidade sexual: sexo biológico, papéis sexuais, reprodução, identidade de gênero, orientação sexual; discussão sobre os movimentos feministas e suas teorizações; problematizações sobre a cis-heteronormatividade e a reprodução dos modelos de relações de gênero; LGBTQfobia; interseccionalidade e marcadores sociais de diferença; a politização das identidades de gênero e sexuais; as problemáticas e tensões trazidas pela teoria queer.

De forma geral propomos debates sobre as noções de sexo, corpo e gênero e suas relações com a distinção clássica entre natureza e cultura. Podem ser realizados a partir de alguma controvérsia pública, interesse de pesquisa, notícias de jornais, filme, etc., que tematizem algum dos temas relacionados acima.